

M
ENTREVISTA/Marcélia Cartaxo

Uma estrela paraibana na terra de JK

Marcélia Cartaxo vai engrossar o batalhão de repórteres que fazem de seu trabalho uma investigação explosiva. A atriz vai encarnar Nina, a personagem principal do seriado *Guerra Sem Fim*, o próximo seriado da TV Manchete. Intrigada por descobrir os mistérios que envolvem um comando de extermínio, Nina é a repórter de tevê da série do autor José Louzeiro, que faz um resgate dos acontecimentos que nortearam a existência do Comando Vermelho, em Bangu, Rio de Janeiro. Para viver essa repórter, Marcélia deixou, por um tempo, Brasília, onde mora há três anos com o marido Yaker Marçal, e está no Rio de Janeiro se preparando para as gravações que começam no dia primeiro, próxima segunda-feira. Ela mudou o visual, os cabelos estão mais curtos, e aproveita o *know how* de Louzeiro, que foi repórter policial, para compor sua Nina. Marcélia começou com teatro. Com a primeira estréia no cinema, como Macabéa em *A Hora da Estrela*, teve uma trajetória rápida de sucesso. Além dos cinco longa-metragens que já participou, Marcélia também teve passagens inesquecíveis nas novelas das tevês Globo e Manchete. Em entrevista à repórter Eliana Silva, ela falou de um projeto que ainda está engatinhando: a produção de um longa-metragem, *Cemitérios Vermelhos*. Para variar, também enfrenta dificuldades com recursos financeiros. Paraibana, essa escorpiana, que fez aniversário no último dia 27, voltou a Brasília esta semana para fazer a entrega do Prêmio Ivan Ribeiro aos produtores vitoriosos no II Vídeo Terra, um concurso promovido pela UnB e Inbra enfocando a questão agrária

GUGA MELGA



Marcélia: "É bom encontrar pessoas que se sensibilizam com a questão dos menores no Brasil"

Por que você veio morar em Brasília?

Marcélia — Estou em Brasília há quase três anos. Decidi morar em Brasília porque me casei e meu marido morava aqui. Brasília também é um lugar tranquilo, muito bom para se morar. Agora estou sentindo que para o meu trabalho já não está sendo muito legal, porque a cidade não tem muito espaço para a cultura. Claro, tem espaços, teatros, mas uma coisa concreta realmente está faltando...

Então, você já está pensando em voltar para o Rio de Janeiro?

Marcélia — Estou. Não é de imediato. Talvez eu fique uma parte de 1994. A gente vai resolvendo devagar.

Mesmo com a criação do Pólo de Cinema e Vídeo, você não acredita que Brasília vá mudar para os atores?

Marcélia — Esse foi um dos motivos que também me fez ir para Brasília. Eu achava que o Pólo seria um grande lance. De repente, ele está meio abandonado, não funciona direito, o dinheiro não sai. Acho que vai virar museu. O Nelson Pereira dos Santos fez o trabalho dele com muito sacrifício e depois disso não pintou mais nada. Com a idéia do filme do Nelson, pensávamos que viria uma coisa atrás da outra, mas parou. O Pólo está abandonado.

Você vê perspectivas para o cinema brasileiro?

Marcélia — A gente pensava que com a entrada do presidente Itamar Franco, as coisas iriam andar mais rápidas, o dinheiro da Embrafilme sairia sem muita burocracia, porque ele parecia uma pessoa mais voltada para a cultura. No entanto, está aí, tudo parado. Acredito que nosso País tem de voltar a se organizar. A época do ex-presidente Collor foi lamentável, porque se um povo não tem cultura não tem educação também. O Collor acabou com tudo. Hoje, todas as atenções estão voltadas para a política. Infelizmente, estamos sabendo destes escândalos todos, que não pensávamos que tudo fosse tão sujo assim. Estamos num momento difícil de falar, porque nem isso vai ajudar. Mas temos de desenvolver outros trabalhos, começar a ajudar. Acredito que a televisão é o melhor meio de comunicação para fazer isso.

A televisão também é acusada de massificar. Como você vê isso?

Marcélia — Acredito que chega um momento que temos de fazer alguma coisa. Essa campanha do Betinho, é um exemplo. Ele está fazendo uma coisa muito bonita, que envolve pessoas, seja quem for, envolve

solidariedade. E a ajuda pode ser apenas um quilo de feijão, porque isso vai valer. No momento, o Betinho é o homem que mais respeito no País.

O seu marido é fotógrafo de cinema e mora em Brasília. Ele também pensa em ir para o Rio de Janeiro?

Marcélia — Sim ele é fotógrafo de cinema, e o cinema parou, acabou. Infelizmente, estamos há quase quatro anos sem fazer nada, ou muito pouco. Um ou dois filmes se salvam. Temos que explorar outros campos. Para o Taker Brasília ainda tem muita opção. Tem muita produção de vídeo, tem mais campo de trabalho. Como já te disse a decisão de sair de Brasília não é imediata, estamos pensando.

Fora de Brasília, como as pessoas reagem quando você diz que mora aqui? Há uma cobrança por você estar na sede do poder?

Marcélia — Sim, sempre que chego ao Rio, as pessoas perguntam como vai a corrupção, o poder. Porque Brasília reflete muito isso: dinheiro, brigas políticas, partidárias, corrupção. Agora, de cultura não perguntam nada. Por exemplo, tal peça foi para lá? Tem alguma produção? Eles sabem que não existe esse movimento em Brasília. A pergunta é mais para o lado da política. Mas essa cobrança é sempre meio na gozação. Uma brincadeira.

E para você, como é a imagem de Brasília?

Marcélia — Eu adoro esse lugar. Amo a cidade, os cantos floridos, a Praça dos Três Poderes, aquele lugar é lindo demais, as cachoeiras, a Cidade da Paz, já tomei banho naquelas cachoeiras. Para morar, Brasília é o melhor lugar do mundo. O trânsito é tranquilo, tem muitos espaços. Só não gosto mesmo daquele ponto da rodoviária. Brasília é um lugar privilegiado.

Você já está em ritmo de produção para o seriado *Guerra Sem Fim*, da TV Manchete, fale sobre seu personagem.

Marcélia — Vou ser uma repórter de tevê interessada em descobrir os mistérios do crime organizado. Essa repórter sonha em fazer uma matéria explosiva denunciando as ligações do comando pirata. Ela está sempre em busca de fatos novos, descobertas. O namorado dela vai ser o Beto Mandrake, vivido pelo ator Marcos Breda. Ele é o câmera de tevê que vai acompanhar a repórter que vou viver.

Para fazer esse personagem você está observando repórteres, ou escolheu um modelo? Enfim, como você está compondo essa repórter?

Marcélia — Para mim está sendo uma coisa muito nova, um trabalho totalmente diferente, fora do aspecto regional. Estou fazendo muito trabalho de pesquisa, principalmente com o autor, José Louzeiro, que é um repórter, um jornalista que sabe muito desse meio policial. E estamos nos reunindo muito, eu fico muito curiosa em saber como é essa questão do jornalismo, de saber

como perguntar, questionar. Estou lendo alguns livros, pesquisando, indo em delegacias, delegacias de mulheres. Estou fazendo um grande trabalho de pesquisa, mesmo com o pouco tempo, porque vamos começar a gravar agora no dia primeiro de novembro.

Quando vai ser a estréia do seriado?

Marcélia — Não sei o dia, mas será em novembro ainda. *Guerra Sem Fim* vai entrar no lugar de *O Marajá*, que está preso ainda.

O seriado vai abordar as atividades do Comando Vermelho. Será uma denúncia?

Marcélia — O seriado vai abordar a questão do extermínio. Os fatos da Candelária vão abrir nosso trabalho. Acho que a intenção é questionar. O extermínio é um grande perigo e temos de ter uma resposta para tudo o que aconteceu. É preciso que a sociedade questione junto com os políticos o que está acontecendo no País. Essa é uma luta muito maior do que a gente pensa.

Há um outro filme que você participou, que também tratava da questão do menor.

Marcélia — É o *Crianças em Ação*. Foi um filme feito na Paraíba, numa cidadezinha chamada Marcação e que fala da exploração do menor no trabalho. O filme já foi lançado em João Pessoa, só que estamos com problemas com relação a isso. A diretora, Jussara Queiroz, não prestou contas com alguns sócios do filme. Ficou uma coisa mal resolvida. O filme foi lançado e nós não ficamos sabendo de nada. O fato é que ela não prestou contas com ninguém. Eu coloquei dinheiro no filme, outros sócios também. No terceiro mês de filmagem, o orçamento já havia estourado, e o pessoal da técnica ficou revoltado, porque não recebia. Então, na época, eu havia ganho um prêmio no Festival de Brasília, peguei o dinheiro e não tive dúvida coloquei no filme. Ou seja, a diretora não teve o menor respeito com nosso trabalho. Infelizmente, estão acontecendo estas coisas.

A Câmara dos Deputados instalou uma CPI para investigar a questão da exploração do menor, que avaliação você faz disso?

Marcélia — Na época que fizemos o filme, ainda não havia a CPI, acredito. Houve um grande trabalho de pesquisa por parte dos diretores e os problemas começaram aí. Mas eu não sabia de nada, depois fui conhecendo, participando. Quanto à CPI, acho superválido. É bom encontrar pessoas que se sensibilizam com essa questão. A CPI tem de investigar mesmo, as coisas têm de ser ditas, é preciso prestar contas à população.

Você também tem estado em contato com o Ministério da Cultura, algum projeto em andamento?

Marcélia — Estou querendo produzir um longa-metragem. Inicialmente o filme tem o nome de *Cemitérios Vermelhos*. O plano é rodar o filme em João Pessoa e estou fazendo contato no Ministério da Cultura para ver financiamento. É um projeto re-

"Estou querendo fazer um longa-metragem. O plano é rodar o filme em João Pessoa e estou fazendo contatos com o Ministério da Cultura para o financiamento. É um projeto recente. O filme já tem nome: Cemitérios Vermelhos"

"É muito importante que a mulher participe de tudo. Não gosto dessa separação de mulher de um lado, homem do outro. Acredito que ela é quem vai mudar este País, porque é mais sensível, tem os pés no chão"

cente, mas já estamos com o apoio do governo da Paraíba. Por enquanto estamos cavando mais apoio e nos organizando para poder desenvolver esse trabalho.

O que será abordado em *Cemitérios Vermelhos*?

Marcélia — Conta um fato histórico da antiga João Pessoa. A cidade tinha uns casarões muito bonitos e iam construir um porto internacional lá. É a história de João Pessoa no ano de 1952. É um filme político social. Conta também a história das prostitutas, tem depoimentos de políticos, de pessoas que têm o que contar sobre aquela época.

Você já tem experiência com produção?

Marcélia — Tive experiência no teatro. E também com o filme *Crianças em Ação*. Meu marido, que está nesse projeto do *Cemitérios Vermelhos*, também tem experiência. Ele trabalhou na Embrafilme. O diretor, Eliézer Filho, também está na produção.

Como surgiu o convite para fazer a televisão?

Marcélia — O primeiro convite foi para fazer um telefilme. Eu fiz uma empregada doméstica, a Aurora, depois veio o convite para fazer o *Mico Preto*, que também era uma empregada doméstica, bem descontraída, a Divina.

Na Globo, você só fez papéis secundários, você acha que a tevê tem um padrão de beleza, de tipos?

Marcélia — Sem dúvida, principalmente na Globo. Mas acredito que, por exemplo, o José Dumont passou mais por esse preconceito. Quando eu cheguei as coisas já estavam mais amenas. Acredito que isso também é um trabalho para o ator. Ele tem de se desenvolver, crescer. Aí os trabalhos vão surgindo. E ultimamente as tevês estão trabalhando muito com temas regionais.

Você começou com teatro?

Marcélia — Eu fazia teatro em Cajazeiras. Éramos um grupo numa faixa etária de 12 anos. O grupo cresceu, fomos convidados para muitos festivais, participamos do mambembão. Foi nessa ocasião que a Suzana Amaral, diretora do *A Hora da Estrela*, me convidou para fazer a Macabéa. Fui para São Paulo pensando que o papel já era meu, mas na verdade, fui para um teste. Como já havia lido várias vezes o conto de Clarice Lispector, já estava impregnada pela personagem e o teste não teve dificuldades.

Qual a avaliação que você faz dos movimentos feministas?

Marcélia — É muito importante que a mulher participe de tudo. Mas não gosto dessa separação, mulher de um lado, homem de outro. Acredito que a mulher é quem vai mudar esse País, quando começarmos a entrar na política, porque a mulher é mais sensível, tem os pés no chão. E tem muitas mulheres fortes na política, na economia. Mas não gosto de pensar em movimento, acredito que com união as coisas vão funcionar muito melhor.